

# MAU TEMPO NÃO POUPA FARMÁCIAS



Os temporais que assolaram o País em finais de 1995 e princípios de 1996 deixaram atrás de si um ambiente de desolação, com localidades isoladas, vias intransitáveis, campos alagados, culturas arruinadas, e fizeram de muita gente protagonista de momentos dramáticos.





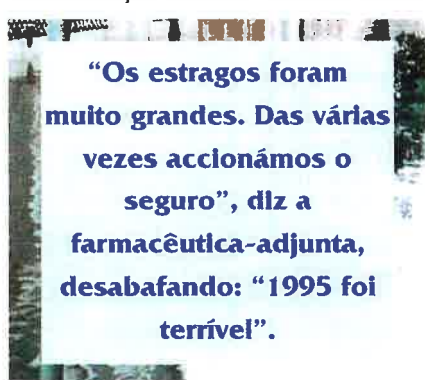
O mau tempo também não passou ao lado das farmácias, algumas das quais, por se situarem em zonas baixas ou mesmo ribeirinhas, foram palco de inundações. Farmácia Portuguesa fez uma ronda pelas farmácias vítimas das cheias.

Farmácia Alla, em Águeda, sofreu a situação mais grave, com os prejuízos a ultrapassarem os 6.500 contos. Estava-se a 25 de Dezembro quando as águas começaram a subir subitamente, inundando por completo a farmácia. Como conta António Cardoso, “tudo se passou muito rapidamente. À meia noite estava tudo calmo e meia hora depois a água começou a subir. Nesta altura não chegou a entrar na farmácia, mas voltou em força”. E instalou-se, atingindo o nível das secretárias. “Ficou tudo num estado lamentável”.

Situada num prédio antigo, a farmácia foi terreno fácil para a água. Alguns móveis ficaram completamente arruinados, dois computadores cederam às infiltrações. O principal prejuízo foi em medicamentos, com caixas e caixas inutilizadas. Durante 15 dias, foi impossível trabalhar na Farmácia Alla: havia que fazer a inventariação dos estragos, remover as lamas e

outros detritos arrastados pela água. “Ainda hoje (em Março) há partes da farmácia húmidas”, diz António Cardoso.

Accionado o seguro, os peritos responderam logo dois dias depois. O processo foi concluído em Fevereiro e nos princípios de Março a farmácia recebia a indemnização: 4.228 contos. Um montante que António Cardoso consi-



dera insuficiente, por não corresponder ao valor real dos produtos e equipamentos. Mas a verdade é que, como reconhece, o seguro “estava um pouco desactualizado” há três ou quatro anos. Tinha sido feito para 20 mil contos e agora o valor das existências é de aproximadamente 32 mil. Por isso, considera que o seguro actuou correctamente.

Elevados foram também os prejuízos sofridos pela Farmácia Sália, em Setúbal. Segundo a sua directora técnica, dra. Sália Tiago, “no armazém nada se salvou”, todas as embalagens cederam à água, que ultrapassava os joelhos.

Por se situar na parte baixa da cidade sadina, a Farmácia Sália é sempre ameaçada pelas marés. Neste fim de ano, bastaram três horas e meia para que, num dia de quase dilúvio, a água vencesse a rua e entrasse na farmácia, primeiro no espaço de atendimento ao público, depois no armazém. “Deixou de haver condições para trabalhar. Retirámos os medicamentos que podíamos salvar o máximo, mas no armazém não houve nada a fazer”, conta a directora técnica.

Por isso, os prejuízos ascenderam a cerca de 4.500 contos. Accionado um seguro multi-risco, por estar mais actualizado, a verdade é que ainda não houve lugar a qualquer indemnização. Os peritos apareceram, mas não deram resposta. A porta automática continua sem funcionar, as madeiras inchadas e os mármore partidos. Sem contar com o prejuízo de dois dias de encerramento ao público.

Também na Farmácia Trindade Brás, em Paço d'Arcos, “entrou água que se



Farmácia Alla – Águeda.



fartou”, no dizer do seu director técnico, o dr. Paulo Brás. Foi no dia 08 de Janeiro, à hora de almoço. Como havia pessoal na farmácia, conseguiu-se recuperar a maior parte dos produtos. Só não escaparam umas 150 embalagens de medicamentos, alguns sapatos ortopédicos e cintas para gravidez, que se encontravam em caixas no chão, e umas 1500 folhas de papel de embrulho da perfumaria.

Contas feitas, o prejuízo rondou os 450 contos. O seguro foi accionado, os peritos compareceram no próprio dia. E em 15 dias o cheque da indemnização havia chegado. “Tive uma sorte fantástica. Portaram-se impecavelmente”, diz Paulo Brás. Teve também sorte com a inundação, a quarta de que a sua farmácia é vítima. Esta foi a mais inofensiva. Em 1943, a água subiu um metro. Agora, “o mais chato” foi limpar a farmácia da lama que entrou com a água.



Para a dra. Dulce Ferreira, directora técnica da Farmácia Sá Esteves, em Pedralva (Braga), “o mais chato” foi a inundação ter ocorrido na noite de Natal. Porque a farmácia fica na encosta de um monte, entrou grande quantidade de água, não havia escoamento que chegasse. No interior atin-

giu os 10/15 centímetros, mas não fez grandes estragos. Avisada a tempo, conseguiu salvar quase tudo, à excepção de alguns produtos que estavam no armazém. Quatrocentos mil escudos foi a quanto ascendeu o prejuízo, que o seguro já reparou, se bem que sem a celeridade desejável.

A Farmácia Ala, em Aveiro, conheceu por duas vezes as consequências do mau tempo. Aliás, está sempre de sobreaviso, porque se situa muito próximo da ria, à mercê das marés vivas. Da última vez, a água subiu uns dez centímetros, ao nível das primeiras prateleiras. Só alguns granulados e comprimidos ficaram inutilizados, bem como encomendas recém-recebidas e ainda não conferidas e guardadas. A farmácia não chegou a estar fechada, ficando-se os estragos por cerca de 325 mil escudos, segundo a dra. Edite Machado, farmacêutica-adjunta.

Sem valores exactos para os prejuízos causados este ano pelo mau tempo, a Farmácia Estácio, em Lisboa, conhece com frequência as consequências de dias de chuva intensa. Logo nos primeiros dias de mau tempo, a água começou a entrar gradualmente, bastando alguns minutos para a zona de atendimento ficar alagada e as pessoas com água pelos tornozelos. Outra das

vezes, como conta a farmacêutica-adjunta, dra. Joaquina Rocha, ainda antes de abrir já a farmácia estava cheia de água e perdidos os produtos que na véspera haviam sido deixados para guardar. Outra noite, como se não bastasse o mau tempo, rebentou uma conduta do metropolitano e “a água entrou até onde quis”.



“Os estragos foram muito grandes. Das várias vezes accionámos o seguro”, diz a farmacêutica-adjunta, desabafando: “1995 foi terrível”.

Mais sorte teve a Farmácia Sousa Pinto, na Foz do Sousa (Gondomar), onde, recebidos os avisos de mau tempo emitidos pela capitania do porto, se tratou de colocar a salvo as existências. Mal a água chegou a um metro da farmácia, distribuíram-se os produtos por sacos plásticos e levaram-se para um espaço mais seguro. Mesmo assim, como conta a directora técnica, dra. Maria Clarisse, no transporte houve alguns danos, vidros que se partiram, embalagens que se entornaram.

Uma vantagem o mau tempo levou à Farmácia Sousa Pinto, como reconhece a sua directora técnica: “Comprei gavetas. E para a próxima é só pegar nas gavetas...”. ■



Farmácia Alla – Águeda.